



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1146

## **A PECULIARIDADE DISCURSIVA DE OLAVO DE CARVALHO E DO MÍDIA SEM MÁSCARA: O HUMOR E A VIOLÊNCIA COMO DERRISÃO.**

Lucas Patschiki  
(Universidade Federal de Goiás)

**Resumo.** Este artigo consiste em um trecho da Dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) cujo objeto principal foi a ação partidária do grupo formado em torno do *site* Mídia Sem Máscara ([www.midiasemmascara.org](http://www.midiasemmascara.org)) e seu principal articulador, o autointitulado filósofo Olavo de Carvalho. Abordaremos aqui sua peculiaridade linguística, sua capacidade de se fazer reconhecível, marcada pela utilização de chavões humorísticos estereotipados como chave-formadora de seus discursos de propaganda, apropriando-se de imagens cristalizadas no “senso comum” de determinados grupos sociais, notadamente entre a pequena burguesia e nova pequena burguesia – assim tentando disseminar seu discurso ideológico de maneira efetiva entre estes. Entre todos os recursos linguísticos utilizados sobressai-se o uso da derrisão, a técnica que une no discurso o humor e a violência, supostamente impedindo que o sujeito pronunciador do discurso seja suscetível a sanções jurídicas. Assinalando que os posicionamentos ideológicos divulgados através do seu discurso vão além desta dimensão do real, sendo apropriados como palavras de ordem para a atuação efetiva, para seu posicionamento estratégico, sob a forma da guerra de posições. Aqui apresentaremos introdutoriamente o Mídia Sem Máscara, o público alvo que intende atingir e em seguida iremos analisar alguns exemplos do uso da derrisão em seus discursos ideológicos.

**Palavras-chave:** Propaganda; Humor; Fascismo.

Financiamento: Fundação Araucária.

A partir da década de noventa, Olavo de Carvalho alça visibilidade nacional enquanto intelectual de direita, escrevendo para os maiores jornais e revistas do país – espaço garantido pela necessidade da reprodução do discurso anticomunista, do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT). Esta posição era compartilhada pelo conjunto das frações da burguesia, mas gradativamente irá modificar-se com o processo de inserção do PT na ordem: seja através das negociações diretas com a classe dominante em suas gestões municipais e através da CUT, a Central Única

dos Trabalhadores (os acordos tripartites iniciam-se já em 1993 e este tipo de negociação amplia-se especialmente com os planejamentos conjuntos com a Federação das Indústrias de São Paulo, que chegou ao seu ápice em 1996), seja pela mudança do caráter de classe da direção do próprio partido (o chamado campo majoritário). A partir do momento em que os capitalistas reconhecem o Partido dos Trabalhadores como representante competente para a gestão do Estado capitalista brasileiro (assinalemos que isto se fez confirmado definitivamente após a exposição dos casos de corrupção). A hegemonia ultraliberal tornou-se ainda mais efetiva sendo que, então, o anticomunismo passa a não mais representar as mesmas necessidades: se antes ele era base ideológica comum para a constituição de uma oposição unificada, tolerando e assimilando a formação e organização de novos intelectuais radicais, neste novo momento ele dilui-se, tornando-se elemento de pressão da burguesia que sustenta o governo, elemento classista de controle social. Sendo que Olavo de Carvalho é demitido de uma série de revistas e jornais em 2005, substituído por personagens como Mário Sabino, Diogo Mainardi ou Reinaldo Azevedo, cujas práticas não são direcionadas para a organização partidária. Neste momento Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascizantes, militando abertamente por novos partidos e organizações, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia.

O MSM foi criado em 2002, sendo sua primeira publicação em oito de agosto daquele ano (INTERNET WAYBACK MACHINE, 13.10.10) contou com a participação de 53 colunistas, tendo como editores responsáveis Diego Casagrande e Olavo de Carvalho – responsável pelo seu “*Quem somos*”. Olavo de Carvalho há décadas trabalhava como intelectual a serviço da classe dominante, e afirma forte opinião sobre seus empregadores:

[...] a “burguesia” é a classe mais indefesa que existe. Acovardada perante o prestígio dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos, ela se apegua a qualquer pretexto para enxergar, no inimigo que planeja assassiná-la, todas as virtudes mais róseas e fictícias e evitar

assim o confronto com uma realidade temível. O famoso “aparato ideológico da burguesia”, de que falam os marxistas, jamais existiu. Ele é apenas uma projeção invertida do próprio aparato ideológico revolucionário, destinada a impedir, mediante a denúncia preventiva de maquiavelismos imaginários, que um dia um real aparato burguês de autodefesa venha a existir (CARVALHO, 17.08.09).

Obviamente, esta é uma afirmação frágil, mas que apresenta claramente a existência da crise provocada pelo “inimigo infiltrado” e corroborada pela inconsequência da classe dominante brasileira em permitir sua existência. Mas essa preocupação no “trato” da burguesia nacional é retribuída, pois o dota de meios e rendimentos para levar esta luta adiante (presumimos que a retribuição financeira não é tão farta, o próprio reclama bastante sobre sua subsistência): sua permanência nos EUA é financiada pelo “*Diário do Comércio*”, veículo de imprensa da Associação Comercial de São Paulo, onde o autor publica uma coluna e um suplemento próprio desde 2008.

Com o acirramento dos conflitos entre as frações da burguesia brasileira em torno da eleição de Lula, abriu-se um “nicho de mercado” para o MSM, representado pelo interesse na sua existência e demanda de público para seus “serviços”. Carvalho se cercará de diversos associados neste empreendimento, embora cada um destes com pesos simbólicos e culturais distintos. Este peso pode ser mensurado pelo currículo anterior, caso de Ipojuca Pontes e Denis Rosenfield; pela relevância em discussões específicas, caso de Graça Salgado ou Júlio Severo; ou como “vulgarizadores”, que providenciam leituras cotidianas, baseados em proposições anteriores, como Tibiriçá Ramaglio, Klauber Cristofen Pires ou Carlos Azambuja. Esta rede de autores constituiu-se em torno de Carvalho, que havia utilizado seu próprio *site* como tubo de ensaio para o que veio a ser o MSM.

Garantido interesse na existência do MSM “faltaria” ainda definir o nicho específico do público consumidor que visariam: um público-alvo. Aqui não nos cabe mensurar quantitativamente seus leitores, mas explicitar que seus intelectuais trabalham conscientemente na apropriação de imagens, preconceitos e conhecimentos cotidianos produzidos e reconhecidos como seus por um estrato social em uma determinada formação social. Sendo então que,

Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato “linguagem” é, na realidade, uma

multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e sentir. A cultura, em seus vários níveis unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, mais ou menos em contato expressivo, que se estendem entre si diversos graus, etc. [...] Disto se deduz a importância que tem o “momento cultural” também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo “homem coletivo”, isto é, pressupõe a conquista de uma unidade “cultural-social” pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção de mundo. (GRAMSCI, 1999, p. 398).

O que buscamos assinalar, é que a efetividade do discurso ideológico irá depender do grupo social a que ele se dirige, dialogando com seu senso comum e que a socialização de determinado conhecimento pela propaganda “*é uma condição necessária para sua validação e socialização, construindo, também, um ciclo constante e auto-regenerativo: conhecimento → publicidade → opinião pública → novo conhecimento*”. Sendo que é a opinião publicizada deste grupo que irá prover a legitimidade e aceitação, “*condição de reingresso no fluxo de informação e conhecimento*” (BARRETO, acessado em 13.10.10). O público ao qual dirigem-se obviamente não é constituído pela classe trabalhadora, a propriedade privada é central em seu discurso. E quando falam às frações da burguesia colocam-se como “possibilidade”, defendendo alternativas que estas poderiam fazer suas, em formatos de “apelos”, “consultas de consciência”, etc. O MSM visa especificamente o descontentamento típico da “classe média”, inevitável, visto seu lugar intermediário na sociedade de classes: sua “crise eterna”.

Devemos explicitar a compreensão do marxismo sobre estes estratos médios. O marxismo entende que cada modo de produção comporta duas classes fundamentais: a classe que explora, dominante política e ideologicamente, e a classe que é explorada, dominada política e ideologicamente. Mas como verifica Nicos Poulantzas (acessado em 10.03.10), “*uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes, na medida que está composta de vários momentos e formas de produção*”, sendo então “*que as duas classes fundamentais de toda formação social são as do modo de produção dominante*”. Sendo então que os estratos médios, intermediários entre as classes fundamentais existem dependentes dos movimentos e conflitos entre estas. Poulantzas irá demarcar estes

estratos entre dois grupos distintos: a *pequena burguesia tradicional* e o que chama de *nova pequena burguesia*.

A primeira é vinculada à pequena produção, à pequena propriedade ou à oficina, o pequeno comércio, pois “*trata-se das formas de artesanato e de pequenas empresas familiares, nas quais o mesmo agente é de uma só vez proprietário dos meios de produção e de trabalho, e trabalhador direto*”, que tem como especificidade não explorar o trabalho assalariado, “*ou então só o fazem muito ocasionalmente*”. Sendo que “*o trabalho é feito essencialmente pelo proprietário real ou membros de sua família, que não têm retribuição em forma de salário. Esta pequena produção obtém lucro na venda de suas mercadorias e pela participação na redistribuição total da mais valia*”, mas “*não arremata diretamente sobretrabalho*”. Já a nova pequena burguesia é constituída pelos “*trabalhadores assalariados não produtivos*”, que são “*trabalhadores que não produzem mais-valia. Vendem eles também sua força de trabalho; seu salário está determinado, ele também, pelo preço da reprodução e de sua força-trabalho, mas sua exploração se faz pela extorsão direta do sobretrabalho, e não pela produção de mais-valia*”. Ela agrega os funcionários de escritório, “*colarinhos brancos*”, os funcionários do setor de comércio, e também os funcionários de Estado, dentre vários. E situando, que “*estes dois grandes conjuntos ocupam na produção posições diferentes, que não têm nada em comum*”, questiona: “*podem ser considerados como constituindo uma classe, a 'pequena burguesia'?*” (POULANTZAS, acessado em 10.03.10), para em seguida analisar suas diferenças e semelhanças:

[...] essas posições diferentes na produção e na esfera econômica têm, entretanto, ao nível político e ideológico, *os mesmos efeitos*. De um lado a “pequena propriedade”, do outro lado alguns assalariados que não vivem sua exploração senão sob a forma do “salário” e da “competição” longe da produção, apresentariam, por estas razões econômicas e não obstante distintas, as mesmas características políticas e ideológicas: “individualismo” pequeno-burguês, inclinação ao “statu-quo” e temor à revolução, mito da “promoção social”, e aspiração ao status burguês, crença no “Estado neutro” acima das classes, instabilidade política e tendência a apoiar “Estados fortes” e bonapartismos, formas de rebelião do tipo “jacquerie pequeno burguesa”. Estas características ideológico-políticas *comuns* bastariam, se tal fosse o caso, para considerar que estes dois conjuntos, que ocupam posições diferentes, na economia, constituem uma classe, relativamente unificada, a pequena burguesia. Além disso, ainda neste caso, nada impediria de distinguir “*frações*” de uma

mesma classe (POULANTZAS, acessado em 10.03.10).

A *posição ideológica* da pequena burguesia e da nova pequena burguesia não deriva automaticamente da constatação de sua situação intermediária na sociedade de classes. Não chega a constituir um conjunto ideológico “*com coerência própria e sistematicidade relativa*”, sujeita às influências ideológicas das classes fundamentais da sociedade, capazes de manterem uma posição política relativamente autônoma e de longo prazo, mas manteria um “sub conjunto” ideológico, “*constituído pela influência da ideologia burguesa (dominante) sobre as aspirações próprias da pequena burguesia em relação à sua situação específica de classe*” (POULANTZAS, 1978. p. 254), ou seja, um limite muito claro para posicionar-se política e ideologicamente. Obviamente não estamos atribuindo a estes apontamentos esquemáticos de Poulantzas, leituras sociológicas estáticas, um caráter de leitura histórica – de modo algum estamos resumindo os grupos sociais pertencentes aos estratos médios brasileiros nestes esquemas. Pelo contrário, nossa utilização aqui destes parâmetros se dá como hipóteses para a verificação em nosso objeto – o que não fazemos de maneira desautorizada, diversas pesquisas sociais já consideraram válidos seus apontamentos para a realidade brasileira<sup>1</sup> – ainda sublinhando que estamos buscando qualificar a expectativa do MSM em atingir este público como seu alvo.

O MSM constrói sua peculiaridade linguística, sua reconhecibilidade textual, centrando fogo no uso do humor, da grosseria. Seu discurso apreende uma série de chavões humorísticos, de estereótipos constitutivos do conhecimento mais superficial, de preconceitos (ou conceitos pré-concebidos) utilizados para uma orientação não problematizada do cotidiano, e que trazem à tona através do riso, um modo de ridicularizar o outro dentro de padrões aceitáveis por determinados grupos sociais, especialmente a pequena e nova pequena burguesia.

Carvalho situa a linguagem como sinal de *status*, de diferenciação, mesmo

---

<sup>1</sup>Ver SAES, D. Classe média e política. In: FAUSTO, B. (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, Volume 3. Rio de Janeiro, Bertand, 1991; SAES, D. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; CALIL, G. G. **O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005; CALIL, G. G. A pequena burguesia e projeto social. In: SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. **Estado e poder: Abordagens e perspectivas**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

que para desconsiderar o discurso alheio, como no caso ilustrado. Mas o que é importante assinalar é que ele reconhece que em seu conteúdo veicula toda uma visão de mundo, o que fica claro quando pergunta-se: *“como unir senso de humor, eloquência de argumentação e lucidez filosófica? Essas coisas vêm sempre juntas ou então não vêm”*. (CARVALHO, acessado em 10.10.10). Então seu discurso, é articulado através de uma das técnicas mais incisivas, em termos de eficácia política que existe, o humor, que, sem entrar necessariamente no conteúdo alheio, visa *“diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório”* (BARONAS, acessado em 30.10.10) tendo em mente que *“numa assembléia que ri, é muito difícil conservar a liberdade de não rir... É preciso correr o risco de se isolar do grupo, rompendo sua homogeneidade. Eis por que o riso solitário permanece um signo negativo, sugerindo falta de sociabilidade ou, pior, anormalidade patológica”* (YONNET apud MINOIS, 2003, p. 623). Como argumenta Barbieri:

No cômico é o imaginário que prevalece, a imagem patética, ridícula, estranha, diferente e por isso risível. Explora-se a diferença como abjeção, usando-se o exagero, o bizarro, o não senso, para marcar a distância do semelhante tomado como normal. O cômico surge como descarga direta, pois, o sujeito se alivia por não ser esse outro: “antes ele do que eu”, pois o eu não suporta estar nesse lugar de derrisão. No humor, assim como na sublimação, trata-se de transcrever algo do registro do não dizível que, se atinge a forma de dito, passa ao registro da linguagem (BARBIERI, acessado em 30.09.10).

Obviamente não estamos afirmando uma única dimensão ao humor ou ao discurso do MSM, mas o que marca a fala de seus intelectuais é o que na análise do discurso é chamado de derrisão, a técnica que une no discurso o humor e a violência, o dissociando e diferenciando da injúria, e que supostamente, ou melhor, quanto mais aprimorada for sua utilização, seria capaz de tornar o sujeito pronunciador do discurso não suscetível a sanções jurídicas. É um discurso que utiliza como mote figuras de agressão, que se assemelham tanto com a *“injúria e a metáfora polêmica quanto o sarcasmo, a antífrase e o calembur”*, explorando *“a fronteira entre injúria e palavras espirituosas (ou jogos de palavras) pode ser extremamente tênue e móvel”*. O “efeito” de derrisão dependerá *“amplamente do contexto, da intenção que se pode atribuir ou não ao autor, da reação da pessoa atingida, da atitude do público e de seu pertencimento ou não ao mundo social e ideológico do autor, etc.”* (BONNAFOUS In: GREGOLIN, 2003, p. 35-40). Além

disto, a derrisão tem maiores chances de ser aceita socialmente, já que escapa da agressão simples, atingindo outras dimensões da realidade social para fazer emergir o riso. “O leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai ‘brincar’ tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente ‘não-autorizados’ socialmente” (MUNIZ, 2004, p. 145).

Olavo de Carvalho em mais de uma ocasião “explicou” o seu uso de palavrões como contraposição em relação às agressões de críticos – que se estende a qualquer um que ele entenda que deva criticar – mas mesmo assim, afirma sobre seu programa semanal de rádio pela internet: “a linguagem e o estilo do programa serão exatamente iguais aos de minhas conversas domésticas com meus alunos, amigos e familiares, sem nenhuma estilização radiofônica”, o que tornaria a agressão uma suposta “última defesa pessoal” contra um “estado de barbárie mental” (CARVALHO, acessado em 09.09.10). Segundo o próprio, “mais vale um bom palavrão atirado em público à cara de um Tarso Genro, de um Marco Aurélio Garcia, do que mil palavras construtivas atiradas ao vento” (CARVALHO, acessado em 18.09.10). O que tenta situar contextualmente:

Os palavrões, segundo entendo, foram inventados precisamente para as situações em que uma resposta delicada seria cumplicidade com o intolerável [...] No Brasil de hoje é assim: qualquer acusação cretina jogada ao ar sem o menor respaldo se arroga a dignidade intelectual de um “argumento” e exige resposta cortês daqueles cujos sentimentos acaba de ferir da maneira mais impiedosa e crua [...] É um truque inventado pela propaganda nazista e comunista, mas, “nêfte paíf”, tornou-se procedimento usual nas discussões públicas hoje em dia (CARVALHO, **Jornal do Brasil**, 15.02.07).

Nota-se a importância que a derrisão assume em seu discurso, tomando a forma efetiva de argumento, tanto em suas tentativas de desacreditar o discurso alheio quanto para desmistificar a realidade vivida. A ofensa torna-se mais importante que o argumento racional, as “mil palavras construtivas atiradas ao vento”, já que o meio ao qual se direciona tal discurso estaria já impregnado pelas “armadilhas psicológicas do inimigo”. É uma tentativa elucubrada da prática política do MSM, pois seus próprios emissores entendem as limitações de seu discurso diante da sociedade, constatando a resistência real contra a aceitação de suas propostas políticas. Toda sua construção discursiva é voltada visando à crise

aberta entre as classes, sendo que então qualquer resistência é justificada como constatação da interiorização das categorias “esquerdistas” pelo corpo social, parte estratégica fundamental para a guerra cultural. Então este suposto “ato de defesa” suscitado seria suficiente para utilização como estratégia discursiva. Afinal, se o uso pelo “inimigo” é permitido, seria então ingenuidade negar-se o uso de uma dimensão discursiva, que tem considerável penetração, pois se faz popular, já que “sem rebusqueios”, etc. Sobre a banalização que é gerada pela utilização sistemática da derrisão, Georges Minois (2003, p. 596) nos diz que “*a zombaria política generalizada, longe de desembocar na subversão, acaba contribuindo para banalizar as práticas que denuncia. Os meios políticos conseguem exterminar o cômico, tornando-se eles próprios cômicos*”. O autor entenderá que este tipo do uso do humor, foi tornado habitual na contemporaneidade, onde “*tudo deve ser tratado de forma humorística*”, em que “*até os filmes mais violentos, ou mais sombrios, encarregam-se de um lado humorístico – uma piscadela para o espectador o faz compreender que não é preciso acreditar muito no que vê*”, é parte de um processo social, que revela o relativismo em sua característica mais obscena, a da incredulidade cética, que escapa ao ateísmo, pois não se trata de racionalmente opor-se ao clericalismo, por exemplo, mas o cinismo, em um mundo onde a violência é tratada com uma insensatez inconcebível (MINOIS, 2003, p. 620-621).

Não importando a justificativa para o uso da agressão, seja através da derrisão ou da violência simples, ela é justificada como técnica discursiva para a disputa ideológica, onde, supostamente, atacar a aparência automaticamente significaria revelar automaticamente a essência do inimigo, sua realidade obscurecida pelo discurso. Sobre isto, Carvalho em seu *True outspoken* irá considerar seu uso, porque “*palavrões são um instrumento de comunicação, o único possível em certas circunstâncias*”, usando como exemplo um artigo de Dráusio Varela, preparado para ser discutido ao vivo, que segundo o próprio, “*a única resposta para aquilo ali é o famoso vai tomar no cu, porque tem coisa que você não pode discutir seriamente, vocês está entendendo, tem coisa que é de uma sem-vergonhice, de uma safadeza tão grande, que a única reação possível é aquela que vem direto do coração*”. Sendo esta, “*que vem direto do coração é o que? É uma reação de raiva, de indignação, e é mandar o sujeito tomar no cu mesmo*”. E segue:

[...] eu até os cinquenta e oito anos de idade, cinquenta e sete, cinquenta e oito, não falava palavrão, tá certo. Eu era um sujeito até bem educado, agora, acontece que chega um momento em que eu me toquei: pera aí, a educação, a polidez está servindo de instrumento de controle do meu comportamento, tá servindo de instrumento opressivo encima [sic] de nós. Quer dizer, o sujeito vem e te fala coisas mortalmente ofensivas em linguagem adocicada, naquele estilo Paulo Evaristo Arns, naquele estilo untuoso, né, sugere até as vezes o seu assassinato, né, começa a justificar homicídio em massa etc., etc. e quer ser respondido polidamente, tá certo [...] Esse pessoal da esquerda, todos eles, são de uma violência psicológica fora do comum. Para eles, quando conversam com você, eles olham pra você já vendo em você o cadáver, tá certo [...] Agora, apologia de Stálin não tem isso meu Deus do céu, apologia de Che Guevara não tem isso, porque o sujeito está fazendo apologia do Che Guevara está dizendo o seguinte: nós vamos matar você, é isto que ele quer dizer. Você é da direita, tá certo, e nós vamos fazer como o Che Guevara, nós vamos matar você. É isto que o sujeito está dizendo, e quer ser respondido com educação? Educação o caralho! Vai tomar no cu, seu filho de uma puta! Tá entendendo? (CARVALHO, s/d.).

Imputando “razão” sobre a realidade para sua atuação política, “a superioridade ou a comprovação de seus pontos na divergência de ideias”, passa a creditar ao tom bem educado, a polidez acadêmica a causa de seus fracassos no convencimento, pois este tom não seria condizente com o tipo de combate que estaria sendo levado ao cabo, que seria definido em termos de vida ou morte, pela existência ou não do ser que defende determinada posição. Deste modo, reduz o campo político eleitoral burguês em uma leitura binária, como arena de confronto de seres de naturezas opostas e irreconciliáveis, e que tem de ser refutado, já que permite a existência “democrática” destes “apologistas da violência”. Este tipo de leitura só é possível quando descredita-se qualquer racionalidade a atuação política dos homens, abandonando qualquer pauta, questão ou projeto social existente dentro de uma realidade histórica, em que se vive e se atua, para compreender *qualquer decisão* como “tarefa” para o cumprimento de um “fim da história”, marcado entre os conservadores e revolucionários, sendo que os primeiros sempre estariam com a superioridade da razão simplesmente porque defendem o que “já existe” (iremos retornar a este entendimento em nossa discussão sobre anticomunismo). E qualquer consideração sobre um uso “preventivo” da derrisão de modo algum sustenta-se, indo até contra esta noção, que explicita a impossibilidade de qualquer analogia profilática para a agressão – tal qual a violência ela só se faz

“defensiva” quando praticada em relação a alguém e/ou algo.

O MSM busca através da atribuição de sentido político para a potencialidade do riso e do escárnio a interiorização do estereótipo, que configura-se deste modo como padrão de reconhecimento e atuação diante do cotidiano, proposição ideológica explicita-se como estratégia política quando é afirmada como parte do seu combate, especificamente em relação ao politicamente correto, que é compreendido como cerne fundamental na guerra de posições (ou como eles preferem guerra cultural) levada a cabo contra uma suposta esquerda mundial, tomada como sujeito “obscuro” a ser plenamente “desmascarado”<sup>2</sup>. Assim, pensar criticamente os motivos pelos quais um discurso como este leva ao riso, ao tratar indolentemente o que é intolerável, nos permite ao menos refletir, já que é difícil mensurar o riso, sobre o quanto uma visão de mundo restrita e excludente acaba por ser interiorizada por boa parte da população. É baseado nestes matizes de senso comum e bom senso que, como já vimos, são compartilhados pela pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, que o MSM constituiu seu discurso ideológico, buscando o convencimento destes, não só pelo conteúdo que disseminam, mas pela forma escolhida. Então o estereótipo, o preconceito, o senso comum, são utilizados como figuras de linguagem (ou até como ilustrações) para o ataque, para a atribuição de descrédito ao outro, o que constitui o cerne da utilização da derrisão. Utilizam a potencialidade do riso e do escárnio para fortalecer imagens interiorizadas por estes estratos sociais, como a meritocracia; a subordinação hierárquica; a defesa do *status quo*; a atribuição de externalidade da origem da corrupção no Estado, que teria sua neutralidade corrompida por determinados agentes políticos; a suposta neutralidade da cultura (a cultura popular resumida como preconceitos e imagens estereotipadas); etc. Não por sinal, como afirma Bourdieu (1998, p. 24-25), “o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado”.

---

<sup>2</sup>Segundo Olavo de Carvalho o comunismo após 1989 supostamente se revestiria de uma estratégia sub-reptícia de atuação: “que cazzo de diferença existe afinal entre ‘linha justa’ e ‘politicamente correto?’ De que adiantou destruir a máquina da censura mental comunista se agora é a intelectualidade em peso que cai em cima de nós como um bando de comissários-do-povo para fiscalizar, patrulhar, pressionar, chantagear, ameaçar, denegrir? Pior: abrigados sob a convicção geral de que ‘o comunismo morreu’, os novos comissários estão livres para agir igualzinho aos antigos sem que ninguém os possa acusar de comunistas. É o derradeiro truque da mais histriônica das ideologias: fingir-se de morta para assaltar o coveiro”. CARVALHO, O. de. **O imbecil coletivo 1**. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997. p. 74.

## **Bibliografia:**

- BARBIERI, C. P. **Perversão, humor e sublimação**. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso), acessado em 30.09.10.
- BARONAS, R. L. **Derrisão**: um caso de heterogeneidade dissimulada. Disponível em <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf>, acessado em 30.10.10.
- BARRETO, A. de A. **Mudança estrutural no fluxo do conhecimento**: a comunicação eletrônica. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es), acessado em 13.10.10.
- BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. In: GREGOLIN, M. do R. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CALIL, G. G. A pequena burguesia e projeto social. In: SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. **Estado e poder**: Abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008
- CALIL, G. G. **O integralismo no processo político brasileiro** – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.
- CARVALHO, O. de. A burguesia indefesa. **Diário do Comércio**, 17.08.09. Disponível em <http://www.midiaseemmascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html>, acessado em 08.10.10.
- CARVALHO, O. de. **A filosofia não é para os tímidos**. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm>, acessado em 10.10.10.
- CARVALHO, O. de. **Apresentação do True outspcak**. Disponível em [http://www.olavodecarvalho.org/true\\_outspcak.html](http://www.olavodecarvalho.org/true_outspcak.html), acessado em 09.09.10.
- CARVALHO, O. de. Barbárie mental. **Jornal do Brasil**, 15.02.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html>, acessado em 09.09.10.
- CARVALHO, O. de. Geração maldita, **Diário do Comércio**, 08.12.09. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html>, acessado em 18.09.10.
- CARVALHO, O. de. **O imbecil coletivo 1**. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997.
- CARVALHO, O. de. **True outspcak**, sem data. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4>, acessado em 12.12.10.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- INTERNET WAYBACK MACHINE. **Consulta por www.midiaseemmascara.org**. [http://web.archive.org/web/\\*/http://www.midiaseemmascara.org](http://web.archive.org/web/*/http://www.midiaseemmascara.org), acessado em 13.10.10.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.
- MUNIZ, K. da S. **Piadas**: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004.
- POULANTZAS, N. **As classes sociais**. Disponível em [http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as\\_classes\\_sociais.pdf](http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf), acessado em 10.03.10.
- POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SAES, D. Classe média e política. In: FAUSTO, B. (org). **História Geral da**

**Civilização Brasileira.** Tomo III, Volume 3. Rio de Janeiro, Bertand, 1991  
SAES, D. **Classe média e sistema político no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.